

# CORPO, GÊNEROS E SEXUALIDADES: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Aline Rodrigues Guimarães; Christiane Garcia Macedo; Silvana Vilodre Goellner

**Resumo:** O presente texto faz um relato e uma reflexão sobre uma disciplina ministrada no curso de Educação Física (UFRGS), no primeiro semestre de 2011. A disciplina “Tópicos especiais 2” tematizou as discussões sobre corpo, gêneros e sexualidades relacionando com a prática profissional da Educação Física.

**Palavras-chave:** Gêneros, sexualidades, corpo, experiência.

## Introdução

*Corpo, gênero, sexualidade...* O que essas palavras significam? Porque são importantes quando pensamos na educação? Será que isso é um problema a ser pensado apenas por quem sofre a discriminação ou, ao contrário, não deveria ser amplamente discutido, comentado, questionado, analisado? Questões como estas nos motivaram a oferecer uma disciplina específica no currículo de formação de professores de Educação Física<sup>1</sup> tendo como base a experiência do Grupo de Pesquisa Sobre Corpo e Cultura (GRECCO)<sup>2</sup>.

Idealizada para dar visibilidade a temáticas ainda pouco discutidas dentro do currículo de formação de professores de Educação Física, a disciplina buscou evidenciar algumas discussões sobre gênero e sexualidade no atravessamento com as práticas corporais e esportivas<sup>3</sup>, evidenciando suas interfaces históricas e culturais. Buscamos, sobretudo, evidenciar o quanto essas práticas se constituem como espaços que educam corpos e subjetividades produzindo situações concretas nas quais alguns sujeitos e grupos sociais são incluídos e outros excluídos. Partimos do entendimento de que, em nome do que culturalmente se considera como desejável e aceitável no que se refere aos corpos, aos gêneros e às sexualidades, não raras vezes, vivenciamos situações de discriminação, preconceito e violência dirigidas àquel@s que não se aproximam dessa representação.

Por entendermos que o respeito à diversidade deve permear a prática pedagógica buscamos problematizar esses temas sensibilizando @s alun@s para a importância dessa discussão. Assim, construímos as aulas privilegiando dinâmicas variadas que, pelo seu próprio desenvolvimento, possibilitaram uma participação efetiva de tod@s aquel@s envolvidos no seu acontecer. Procuramos, de certo modo, causar algum desconforto n@s participantes na tentativa de desconstruir alguns conceitos já naturalizados no que respeita aos temas em questão: corpo, gênero, sexualidade. Razão pela qual privilegamos o espaço de debate em aula e a produção de pequenos textos nos quais pudessem refletir sobre a temática posicionando-se em relação ao que foi debatido.

Para a construção desse texto optamos por apresentar os temas que foram trabalhados privilegiando alguns marcos teóricos bem como o modo como estes foram problematizados nas atividades desenvolvidas.

## Metodologia

Este texto trata de um relato de experiência. Durante as aulas que compõem este relato foram utilizadas aulas expositivas, apresentação de vídeos, exercícios de pequenos textos construídos pelos alunos, aulas práticas e debates. Todas as atividades dos alunos foram recolhidas e registradas pelas professoras. Apresentamos a seguir uma breve descrição dos temas trabalhados.

## Tema 1: A produção cultural do corpo<sup>4</sup>

Será que nós *temos* ou *somos* um *corpo*? Seria o *corpo* somente a sua materialidade biológica? Se assim fosse, porque determinadas pessoas sofrem em função de algo que está relacionado aos seus *corpos*?<sup>5</sup> Questões como estas nos remetem a pensar que o *corpo* não é tão somente a sua conformação biológica, mas, ainda, seus gestos, suas expressões, aquilo que veste e que o adorna, os medicamentos que consome, as doenças que apresenta, os prazeres que vivencia, enfim, não há como falar de *corpo* sem falar de nossa subjetividade, daquilo que somos ou que gostaríamos de ser. Quando dizemos *corpo*, estamos nos referindo a nós mesmos. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2010, p. 28). Essa maneira de olhar para o corpo implica entendê-lo não apenas como um dado natural e biológico, mas, sobretudo, como produto de um intrínseco inter-relacionamento entre *natureza* e *cultura*. Em outras palavras: o *corpo* resulta de uma construção cultural sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, geracionais, entre outros.

<sup>1</sup> Intitulada “Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade”, a disciplina de caráter eletivo foi oferecida no primeiro semestre de 2011 com carga horária de 30 horas. Matricularam 36 alunos.

<sup>2</sup> Coordenado por Silvana Vilodre Goellner. Acesso: <http://www.esef.ufrgs.br/ceme/grecco/index.htm>.

<sup>3</sup> Utilizamos o termo “práticas corporais e esportivas” e não esporte para dar relevância à atividades tais como dança, ioga, capoeira, ginástica, entre tantas outras cujo acontecer não é regado pelos códigos do esporte.

<sup>4</sup> Tema trabalhado pelas mestrandas Aline Rodrigues Guimarães e Christiane Garcia Macedo.

<sup>5</sup> Parte das discussões aqui apresentadas estão publicadas no texto “A produção cultural do corpo”, e “Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade”, ambos de Silvana Goellner.

Diante dessa percepção é importante perceber que a fome, a sede, o riso, o choro, o desejo enfim, aquilo que nos enoja ou nos agrada, resulta de processos educativos que acontecem na família, na escola, na religião, na mídia, na sociedade, etc. Processos esses que vão construindo e marcando os nossos corpos desde antes de nascermos, assim como, vão influenciando o modo como nos reconhecemos como pessoas (GOELLNER, 2009).

## **Tema 2: O corpo e a cultura fitness<sup>6</sup>**

Corpo, beleza, magreza, estética, saúde, auto-estima, alimentação, exercício físico, bem estar.... palavras repetidas, cotidianamente, em pesquisas, reportagens, *sites*, programas televisivos, enfim, um sem número de locais a evidenciar o mesmo<sup>7</sup>. A repetir algo que parece estar incorporado em nós, naturalizado. Na sociedade contemporânea nossos corpos são tornados espetáculos. Não podemos esquecer que, “o capitalismo avançado, o corpo se tornou o lugar ideal para todo tipo de experimento da biotecnologia, investimento da economia de mercado e principal objeto de consumo” (COUTO, 2007: 49). A cultura *fitness* é, portanto, um produto desse tempo e significa um conjunto de dispositivos que opera em torno da construção de uma representação de corpo que conjuga como sinônimos, saúde e beleza, associando-as a termos representados como plenos de positivities, dentre eles, “bem-estar”, “qualidade de vida e “vida saudável”.

A cultura *fitness* desdobra-se de diferentes maneiras e, de forma quase persuasiva, captura as os indivíduos que, ora mais, ora menos, aderem as suas prescrições. As promessas de felicidade a ela agregada movimentam nossos pensamentos, sonhos, desejos, fantasias e, literalmente, nossa materialidade biológica, ou melhor, aquilo que denominamos corpo. A cultura *fitness* inscreve-se em nossa carne (GOELLNER, 2008).

## **Tema 3: Práticas desviantes<sup>8</sup>**

Por desviantes nomeamos os corpos e práticas que estão na margem, fora do centro ou, como indica Louro (2009) são excêntricos. Considerando que na sociedade contemporânea o corpo hígido, belo, saudável e sexualmente atrativo, é representado como a imagem primeira a designar o normal, os corpos diferentes, são os outros. Assim como há corpos desviantes, há também práticas desviantes, inclusive aquelas relacionadas ao lazer. Ao utilizarmos a expressão lazer desviante procuramos dar visibilidade às práticas não-usuais, que se colocam à margem, tais como os praticantes de suspensões<sup>9</sup>, pichadores, os suingueiros, entre outros.

## **Tema 4: Gênero e sexualidade e as práticas corporais e esportivas<sup>10</sup>**

Por *gênero* entende-se a condição social através da qual nos identificamos como masculinos e femininos. É diferente de *sexo*, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. O *gênero*, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino<sup>11</sup>. Em outras palavras, o corpo é *generificado*, o que implica dizer, que as marcas de gênero inscrevem-se nele. Se estamos cientes de que o *gênero* é a construção social do sexo, precisamos considerar que aquilo que no corpo indica ser masculino ou feminino, não existe *naturalmente*. Foi construído assim e por esse motivo não é, desde sempre, a mesma coisa.

Com relação à *sexualidade*, torna-se importante considerá-la, tal como explicita Jeffrey Weeks (1999), como algo que envolve uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que permitem a homens e mulheres viverem, de determinados modos, seus desejos e seus prazeres corporais. Nesse sentido, o termo *orientação sexual* é utilizado para contemplar a diversidade de possibilidades de viver a sexualidade, pois significa a orientação que cada sujeito dá ao exercício da sua sexualidade. Em outras palavras: “a direção ou a inclinação do desejo afetivo e erótico” (BRASIL, 2007) e que, não necessariamente está dirigido para a heterossexualidade. A sexualidade também é plural, o que implica afirmar a inexistência de um único modo correto, estável, desejável e sadio de vivenciá-la. Vale lembrar que uma mesma pessoa, ao longo de sua vida, pode apresentar mais de uma identidade sexual, ou seja, ser heterossexual, homossexual ou bissexual, etc. Essas identidades são culturalmente construídas e, na nossa cultura, referem-se às formas como os sujeitos vivem sua sexualidade que pode ser com pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto ou, ainda, com ambos os sexos. Ao chamar a atenção para que estejamos atent@ a essa *diversidade* enfatizamos que, de maneira geral, questões afetas a *gênero* e à *sexualidade* são silenciadas ou, quando mencionadas, não raras vezes, são referidas a partir daquilo que é representado como sendo o *normal*, *desejável* e *aceitável* (GOELLNER, 2009).

<sup>6</sup> Tema trabalhado pelas mestrandas Aline Rodrigues Guimarães e Christiane Garcia Macedo.

<sup>7</sup> Parte das discussões aqui apresentadas estão publicadas no texto “A cultura fitness e a estética do comedido: as mulheres, seus corpos e aparências”, de Silvana Goellner.

<sup>8</sup> Tema trabalhado pelo professor Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel, da Universidade Estadual de Maringá e pelas mestrandas Aline Rodrigues Guimarães e Christiane Garcia Macedo.

<sup>9</sup> Ato de suspender o corpo através da utilização de ganchos que são introduzidos na pele.

<sup>10</sup> Tema trabalhado pela especialista Carla Lisbôa Grespan.

<sup>11</sup> Sobre o conceito de gênero e seus desdobramentos sugere-se a leitura dos seguintes textos: Guacira Lopes Louro (1999), Linda Nicholson (2000) e Dagmar Meyer (2008).

## Tema 5: Práticas corporais e esportivas, gênero e mídia<sup>12</sup>

Em época de comemorações acerca da conquista do Brasil em sediar a Copa do Mundo de Futebol e uma edição dos Jogos Olímpicos, imagens espetacularizadas de atletas circulam em vários artefatos midiáticos capturando nosso olhar e, de certo modo, nos incentivando a participar como espectadores e ao mesmo tempo partícipes do “espírito esportivo” que paira no ar. Considerados como protagonistas desse espetáculo, @s atlet@s são percebidos como símbolos de determinação, sucesso e superação<sup>13</sup>. Sua freqüente exposição exerce, de certo modo, uma pedagogia que ensina valores, formas de ser e de se comportar inclusive no que respeita as questões de gênero. Afinal, o universo das práticas corporais e esportivas está perpassado pela (re)produção de masculinidades e feminilidades e estes marcadores identitários não são neutros nem universais. Ao contrário: constroem-se cotidianamente considerando as representações culturais a eles associados.

Com relação à mídia, partimos do pressuposto que, tanto quanto as práticas corporais e esportivas, ela traduz-se em instância cultural que coloca em circulação diferentes representação de gênero e sexualidade bem como promove diferenciações nos modos pelos quais noticia, exhibe e confere visibilidade à atletas homens e mulheres em eventos de pequeno, médio ou grande porte (VON MUHLEN, 2009).

### Considerações Finais

Ao finalizar nosso texto gostaríamos de mencionar que temos consciência de que trabalhar esses temas em uma disciplina específica (e não como atravessamentos em outras disciplinas do curso de formação) não é suficiente para sensibilizar @s alun@s em relação ao universo de situações de exclusão e preconceito que giram em torno daquel@s que não correspondem a representações culturalmente tomadas como mais aceitáveis em relação a aparência dos corpos, as identidades sexuais, de gênero e étnico-raciais.

Porém, estamos certas de que a dedicação de um tempo específico no qual pudéssemos desenvolver estas reflexões mostrou-se produtiva pois, pelo menos ali, naquele local em que estávamos junt@s, pudemos expressar o que pensamos, sentimos e vivemos com relação as temáticas em questão. A verbalização sobre o “certo” ou “errado”, o “normal” e o “desviante”, o “desejado” e o “indesejado” produziram modos de pensar para além das generalizações que se faz sobre os sujeitos valorizando, sobretudo, a diversidade.

Reconhecer a diversidade, portanto, significa aceitar a idéia de que ser diferente não significa ser desigual pois, em nome dos marcadores identitários aqui analisados, muitos sujeitos tem sido excluídos de vários direitos sociais, inclusive, o acesso e permanência à educação, à saúde e às práticas corporais e esportivas.

Considerando a importância da intervenção pedagógica de profissionais no âmbito da escola e fora dela, procuramos desenvolver reflexões que extrapolassem o reducionismo alertando que nossas práticas pedagógicas devem pensadas para além do determinismo biológico.

### Referências:

- BRASIL, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. **Cadernos SECAD**, nº4, Brasília, 2007
- COUTO, Edvaldo de S. Uma estética para corpos mutantes. In: COUTO, Edvaldo de S. e GOELLNER, Silvana V. **Corpos mutantes: ensaios sobre nova (d)eficiências corporais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 41-54.
- GOELLNER, Silvana V. A cultura *fitness* e a estética do comedimento: as mulheres, seus corpos e aparências. In: STEVENS, Cristina M. T.; SWAIN, Tânia N. (Org.). **A construção dos corpos. Perspectivas feministas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008, p. 245-260.
- \_\_\_\_\_. Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade. In: OLIVEIRA, Amauri B. de; PERIN, Gianna. (Org.). **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à pratica**. Maringá: Editora da UEM, 2009, v. 1, p. 69-84.
- \_\_\_\_\_. A produção cultural do corpo In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 6ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 28-40.
- LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MACHADO, Paula S. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. **Cadernos Pagu** (24), p. 249-281, janeiro-junho de 2005.
- MEYER, Dagmar E.E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 6ª Ed, 2010, p. 9-27.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**. v. 8, n. 2, p. 9-14, mai-dez 2000.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 35-54

<sup>12</sup> Tema trabalhado pela doutoranda Johanna Coelho Von Muhlen.

<sup>13</sup> Parte das discussões aqui realizadas está integra da dissertação de mestrado intitulada “Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo Site Terra”, de Johanna Coelho Von Muhlen.